

O COMUNISTA

GES
PCP

ORGÃO DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUEZ (S. P. I. C.)

Numero avulso 20 centavos

PROPRIEDADE DO
GRUPO EDITOR "O COMUNISTA"



Redactor principal: J. CARLOS RATES

EDITOR: JOAQUIM RODRIGUES

Redacção e Administração
RUA DO CONDE DAS ANTAS, 51 7/0

Composição e Impressão
TRAVESSA DA AGUI DE FLOR, 35 - LISBOA

VIVA A REVOLUÇÃO RUSSA!

A melhor comemoração da heroica e grandiosa Revolução Russa é contribuímos por um esforço decisivo, sincero e iniludível para o estabelecimento da unidade operaria



LENINE

Faz hoje sete anos que o proletariado russo, guiado pelo F. C. R., arancou das mãos da burguesia e poder que tiranizava 163 milhões de almas e dominava no mais extenso de todos os imperios do mundo.

O que tem sido estes sete anos de luta todo o mundo o sabe. Durante cinco anos o proletariado russo teve de manter-se em armas contra 16 estados capitalistas, repellido golpe por golpe, até que o Exército revolucionario triunfou definitivamente. Foram cinco anos de luta feroz em que se recorreu a todos os processos para aniquilar um povo inteiro. Não houve calamidade que o povo russo não conhecesse. E todavia de todos os obstáculos ele triunfou galhardamente. Não há na historia de todos os tempos maior exemplo de sacrificio e abnegação, epopeia mais grandiosa e tragica. Trezentos mil proletarios pereceram nas diferentes frentes da batalha dando generosamente e sangras pela Revolução; numerosos chefes comunistas esgotados por uma suprema tenção de esforços, neurasthenizados, buscaram no suicidio a cura das suas enfermidades; enfim, todo o povo russo resignadamente suportou miserias incalculaveis.

Proletarios! Não podemos nem devemos esquecer este sacrificio colossal pela causa do proletariado.

A Russia liberta hoje da guerra civil, entrou decididamente no periodo do seu ressurgimento economico. O proletariado que é quem dispõe dos destinos da Russia, quer politicamente, quer economicamente, adquire dia a dia, hora a hora, a experiencia necessaria para reger os seus destinos. Todavia se a experiencia provou que era possivel fazer e manter a Revolução num pais isolado, ela prova tambem que o socialismo é impraticavel enquanto a Revolução se não generalizar nos outros paises, enquanto não forem abolidas as barreiras fiscaes, que criam antagonismos de povos e justificam a existencia dos exércitos.

Homenagear a Revolução russa deve ser seguir-lhe o exemplo, esforçarmo-nos aqui por aniquilar o poderio politico e economico da burguesia.

A luta das tendencias 'esfacelando o proletariado é um crime imperdoavel

Em nenhum pais do mundo, que saibamos, melhor do que em Portugal, a situação seria mais favoravel a um triunfo decisivo do proletariado se este se apresentasse unido em vez de pastear uma lamentavel desagregação traduzida por factos diarios de lutas intestinas, de esfacelamento de grupos e de pessoas.

Tudo isto é muito lamentavel e nós todos, comunistas anarquistas, sindicalistas revolucionarios ou socialistas collectivistas, não temos o direito de cometer o crime de dividir a classe operaria.

Melhor do que nenhum, nós sabemos que é impossivel estabelecer entre os partidarios das diversas escolas uma unidade ideologica que nos coloque perante o acto revolucionario irmandos num mesmo objectivo, unificados e disciplinados por virtude dos mesmos principios teoricos e processos tacticos. Pretender uma unidade tal é querer o impossivel. Não se é comunista ou anarquista, por mero capricho. E' se por convicção da excelencia ou praticabilidade da doutrina. Para um anarquista a Revolução faz-se há em nome do Direito, da Razão, da Justiça, da Liberdade e de outros principios abstratos, do mesmo modo que a sua sociedade será um reflexo destes principios, tal qual como há 150 anos o proclamavam Helvetius, d'Holbach, Jean Jacques e em geral os grandes filosofos do seculo XVIII e os seus discipulos, os Mirabeau, os Barnave, os Robespierre e os Danton, idealistas tambem, que não deixaram por isso do ser revolucionarios no mais amplo sentido da palavra.

Teorias que nos separam

Para nós, ao contrario do que succede aos anarquistas, esta bela fraseologia, não tem a menor influencia nos destinos humanos. Para nós, educados na escola de Marx, as instituições politicas, juridicas e religiosas, não hoje como amanhã e consequencia de bases economicas dadas. São as nossas condições de existencia material que elaboram e determinam o nosso pensamento e não é este que opera as transformações economicas. Precisando melhor, o progresso economico, as formas da produção e de troca, evoluem independentemente das concepções teoricas e filosoficas da determinada escola mas simplesmente provem das necessidades e conveniencias do agregado social. Por outras palavras, nunca a lei fez a sociedade, foi sempre esta que gerou aquela.

Para nós, pois, a Revolução não será um produto exclusivo da nossa

vontade mas um facto sómente possivel pelo estado de decomposição do organismo social vigente. Um sistema social dado só tem a possibilidade de sobreviver e de vingar quando o sistema preexistente entra no estado agónico.

Os anarquistas supõem, ou dão nos pelo menos essa impressão, que a passagem do capitalismo ao comunismo se fará dum salto brusco, sem etapas nem transições, o que implica necessariamente a existencia dum pensamento e dum objectivo unicos no aglomerado social, o que o mais superficial exame contradiz, e supõem, ou dão-nos a impressão, que as condições economicas existentes permitem a pratica do comunismo no seu aspecto da repartição à vontade, o que igualmente, todo o exame revela não ser verdadeiro e possivel.

Nós, em opposição aos anarquistas, pensamos e verificamos que as revoluções não sempre a ardua tarefa de muitos anos, em que há avanços e revesos, experiencias que falham e quebras que vingam, que é preciso transigrir com certos habitos, vicios, imperfeições, atrasos e aspirações das massas, cuja preparação filosofica não é a nossa, cujo passo ousado, elas, as massas, não podem acompanhar e que, por outro lado, não se pode arrombar abruptamente contra esses habitos e aspirações das massas que nem sempre e dum modo geral cendizem com os nossos principios doutrinaros. Nós pensamos que, nas revoluções, para evitar os Thermidores, convem abandonar o secundario para nos firmarmos no essencial e nunca perdermos o contacto e a simpatia das massas.

Igualmente, nós vemos pelo ensinamento historico, que as revoluções tem sempre por guias as minorias conscientes, as quais não tendo o poder miraculoso de transformar por si as condições sociais, conhecem no entanto o momento psicologico dado, sentem e palpitar das massas, identificam-se com elas, anotam as contradições economicas e sociais do sistema, inferindo de tal exame as possibilidades e consequencias das reformas a realizar e fortes pela disciplina do pensamento e do objectivo arrastam consigo as massas. Nós julgamos, ao contrario dos anarquistas, que não cheguem ainda a hora de sabermos tranquilos os frutos sazonados dos progressos tecnicos na produção, como nas ciencias e nas artes, cuja esfera de irradiação foi sempre limitada pelo interesse burgues e que é preciso portanto que o proletariado, por si, ultrapasse esse limite, levando ao extremo possivel os progressos tecnicos, scientificos, artisticos e morais, isto é, nós entendemos que a geração actual não poderá a paz e o bem estar nas incumbido pelo contrario a gloriosa mas ingrata tarefa de criar melhores dias para gerações vindoras. A missão da

actual geração proletaria é trabalhar e sacrificar ao.

Os anarquistas pensam, ou dão-nos essa impressão, que a revolução é possivel sem o exercicio duma violencia mais ou menos prolongada da parte da classe operaria. É uma ilusão torçosa. As classes não se convertem, lutam sempre até à morte pela sua hegemonia. Toda a revolução implica uma opposição da classe ou dos individuos esbulhados violentamente do poder e dos privilegios até então usufruidos, opposição que, custe o que custe, é preciso aniquilar e despedaçar impiedosamente. Vae-se para a revolução com a cabeça e não com o coração.

Toda a revolução contém em si a ideia da violencia e é dela inseparavel, facto que os anarquistas parecem desconhecer. As sociedades, como os seres vivos, não vêm a luz sem causar dores e sofrimentos. Ha que resignarmos-nos a esta fatalidade porque quer marchar contra ela é buscar o suicidio. Nós, guias do proletariado, temos o dever, acima de todos os sagrados, de assegurar ao proletariado o o triunfo, um triunfo solido e insosflegavel. É preciso, pois, converter o proletariado em dominador unico e exclusivo da situação. Ha que anular direitos até aqui mantidos e propagados? Evidentemente. Não hesitemos em fazer lo. Não faremos nem poderemos fazer uma revolução para todos. O que nós pretendemos é uma revolução do proletariado. A burguesia se consiguia triunfar foi porque soube calcar aos pés sem piedade o feudalismo e o corporativismo sempre que lhe embargarem o passo.

Os anarquistas supõem, ou dão-nos a perceber, que a revolução, quer na sua função destrutiva como construtiva, será viavel pela espontaneidade dos alvitos, iniciativas e ações das massas, as quais, na sua ingenua superstiçao, convergiram unanimes para um mesmo fim, deixando-as pois atuar esta espontaneidade sem diretrizes ou embargos. A pratica da luta sindical é o mais formal desmentido a esta concepção. Todos nós que fizemos a nossa educação nos sindicatos, sabemos muito bem que a maioria operaria é inerte e apática, limitando-se a colher os frutos alcançados pelo esforço das minorias activas e batalhadoras. Estas tem, pois, o legitimo direito de falar e atuar em nome de toda a classe operaria por isso que os beneficios alcançados a todos abrangem. Na revolução é como na greve. É preciso impôr, impôr regras até à propria classe operaria, sujeita-a a uma disciplina de ação e de conduta em nome dos seus proprios interesses ameaçados. Não se deve hesitar um instante sequer em impôr o suggerir os interessados a esta disciplina severa do dever revolucionario. A classe operaria tem o direito de mandar, dignos, de governar, não é preciso que se saiba sacrificar-se. Não podem aceitar estes principios os anarquistas.

Enfim, quer nos parecer que demonstrámos ser impossivel toda o qualquer tentativa de unidade ideologica. Não, não é possivel. As diversas escolas socialistas divergem nos seus principios teoricos e tacticos. Esta divisão subtilizada através de tudo sejam

-PELA REVOLUÇÃO RUSSA!

Comemorando o 7.º aniversario da Revolução Russa realizam-se hoje, sexta feira 7 de Novembro, uma sessão de propaganda, pelas 20,30, na Associação dos Caixaeros, Rua Antonio Maria Cardoso, 20, L.º, a qual usará de palavras delegadas da Internacional Vermelha e do Partido Comunista.

